

*Leituras no Brasil colonial*¹

Márcia Abreu

Ao contrário do que muitas vezes se supõe, a colônia portuguesa na América não desconhecia a utilidade e os encantos dos livros. Obras de todos os gêneros, todas as épocas, todas as nacionalidades aportavam na cidade, criando uma extraordinária dispersão de títulos em circulação – ao menos é o que se percebe quando se consulta a documentação produzida pelos órgãos de censura instalados em Portugal e no Rio de Janeiro entre meados do século XVIII e início do XIX.² Desejando manter sob controle os pensamentos e os desejos de seus súditos, a coroa portuguesa tentava examinar toda matéria escrita em circulação em seus domínios, exigindo daqueles que tencionassem transportar livros o preenchimento de pedidos de autorização submetidos à instituição de censura competente.³

O rigoroso controle sobre livros e papéis, embora nefasto para a propagação das idéias, propiciou o registro minucioso da entrada de obras no Brasil, permitindo o conhecimento do que se lia – ao menos no campo da legalidade. Até 1807, a única possibilidade de aquisição e transporte legais de livros e papéis aberta aos que viviam no Brasil era importá-los de Portugal, o que implicava a elaboração de um pedido de autorização ao órgão de censura lusitano. Após a transferência da corte para o Rio de Janeiro, novas formas de contato com livros se abriram, ainda que constantemente supervisionadas por organismos censores. A partir de 1808, passou a ser possível adquirir livros impressos no Brasil pela Impressão Régia, ou importá-los de outras localidades além de Portugal, uma vez obtida autorização da Mesa do Desembargo do Paço – instituição sediada no Rio de Janeiro com atribuições similares à lusitana. Mesmo com a duplicação do sistema de controle, o volume de requisições submetidas à instituição censória em Lisboa permaneceu elevado.

Os cariocas estavam entre os mais ávidos – ou mais controlados – leitores de Portugal e seus domínios. Ainda que lessem muito texto religioso e profissional, apreciavam o contato com as Belas Letras e tinham claras preferências. No período anterior à transferência da corte, os livros remetidos com maior regularidade eram:

	Título	Quantidade
1.	<i>Les Aventures de Télémaque</i> , François de Salignac de la Mothe-Fénelon	38
2.	<i>Night Thoughts on Life Death and Immortality</i> , Edward Young	24
3.	<i>Selecta Latini Sermonis exemplaria e scriptoribus probatissimis</i> , Pierre Chompré	22
4.	<i>Histoire de Gil Blas de Santillane</i> , Alain René Lesage	21
5.	<i>Le Voyageur François ou la connoissance de l'ancien et du nouveau monde</i> , Joseph de Laporte	19
6.	<i>Meditations and Contemplations</i> , James Hervey	18
	<i>The Paradise Lost</i> , John Milton	18
7.	<i>Caroline de Lichtfield</i> , J.I.P. de Bottens Baronesa Isabelle de Montolieu	15
	<i>El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha</i> , Miguel de Cervantes	15
	<i>História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França</i> , anônimo	15
	<i>Lances da Ventura acasos da desgraça e heroísmos da virtude</i> , D. Felix Moreno de Monroy y Ros	15
	<i>Rimas</i> , Manuel Maria Barbosa du Bocage	15
8.	<i>Viagens de Altina nas cidades mais cultas da Europa e nas principais povoações dos Balinos, povos desconhecidos de todo o mundo</i> , Luís Caetano de Campos	13
9.	<i>Delli viaggi di Enrico Wanton alle terre incognite Australi ed al paese delle scimie, né quali si apiegono il carattere, li costumi, le scienze e la polizia di quegli straordinari abitanti</i> , Zaccaria Seriman	12
	<i>O Feliz independente do mundo e da fortuna, ou arte de viver contente em quaisquer trabalhos da vida</i> , P ^c . Theodoro de Almeida	12

10.	<i>Fábulas</i> , Esopo	11
	<i>Obras</i> , Luís de Camões	11
	<i>Rimas</i> , João Xavier de Mattos	11

Tabela 1: Títulos de Belas Letras mais solicitados em requisições destinadas ao Rio de Janeiro, conservadas nos fundos da Real Mesa Censória e relativas ao período compreendido entre 1769 e 1807.⁴

Dos 519 títulos enviados, o mais solicitado conta com 38 requisições, enquanto há 312 títulos para os quais existe apenas 1 pedido – se a distribuição fosse uniforme, haveria menos de 3 pedidos para cada título. Uma vez que os pedidos de autorização não mencionam números de exemplares, é possível que, a cada solicitação das *Aventures de Télémaque*, por exemplo, centenas de exemplares fossem remetidos – hipótese que ganha peso tendo em vista o fato de que 19 das remessas que incluíam o livro de Fénelon foram assinadas por livreiros –, mas como a documentação nada informa sobre as quantidades enviadas, não é possível avançar além das suposições.

A sensação de que o número de pedidos para cada obra é muito pequeno diminui quando se considera a quantidade de exemplares em circulação. Em meados do século XVIII, na França, a maior parte das obras era impressa com menos de 1.000 exemplares. *La Nouvelle Héloïse*, de Rousseau, best-seller incontestável na França dos setecentos, teve tiragem pouco superior, 4.000 exemplares.⁵ Na Inglaterra, na mesma época, poucas obras venderam mais de 10.000 exemplares. Nenhuma delas foi escrita por autores consagrados, ao contrário, eram panfletos noticiosos e religiosos um tanto sensacionalistas.⁶ Da mesma forma, nos Estados Unidos, no final do século XVIII, faziam-se 1.000 exemplares em uma tiragem normal de romance.⁷ Em Portugal as tiragens também não ultrapassavam o milhar. *O Uruguay*, publicado em 1769 com apoio do mais poderoso ministro português, o marquês de Pombal, teve uma primeira edição de 1.036 exemplares, tiragem considerada, à época, uma enormidade.⁸

Superado o impacto da pequena concentração dos pedidos, percebe-se a existência de algumas recorrências. Salta aos olhos a absoluta predominância de textos estrangeiros. Das 18 obras consideradas, 6 foram originalmente compostas em português. Mas não há predominâncias absolutas na língua de origem: são 6 os títulos originalmente escritos em francês, 3 em inglês, 1 em espanhol, 1 em grego, 1 em italiano. O latim, língua da cultura até o século XVIII, comparece apenas parcialmente, pois a *Selecta Latini* – uma antologia de trechos escolhidos de clássicos latinos – é elaborada e escrita em francês (exceto, como é evidente, no que diz respeito aos trechos reproduzidos dos autores latinos).

A presença da cultura latina não era desprezível no Rio de Janeiro, embora não se concentrasse em determinadas obras, impedindo que os textos ficassem entre os mais procurados. Entre 1769 e 1807, há 190 pedidos para obras latinas, mas o título pelo qual se verifica maior procura – *Cartas de Ovídio* – foi solicitado apenas 9 vezes. Seguem-se as *Fábulas* de Fedro (também com 9 pedidos); as *Orações* de Cícero (8); as *Odes* de Horácio e obra *ad usum* de Ovídio (7); obra *ad usum* de Horácio, *Epístolas* de Cícero, obra *ad usum* de Virgílio e *Obrigações* de Cícero (cada uma com 6 pedidos).⁹ Curiosamente, o mais solicitado dos textos latinos foi referido, em todos os pedidos, em português, permitindo imaginar que mesmo no caso em que se procuravam autores latinos a língua por meio da qual se fazia contato com a obra era o português. Nesse caso, os 9 solicitantes deviam ter em mente o livro *Cartas de Ovidio, chamadas heroides, expurgadas de toda a obscenidade e traduzidas em rima vulgar: com as suas respostas, escriptas umas pelo mesmo Ovidio, outras por Sabino e Sidronio e a maior parte dellas pelo traductor; e um epílogo no fim de cada uma, em que se mostra a doutrina que d'ellas se pode tirar, etc.*, em tradução de Miguel do Couto Guerreiro, publicada em Lisboa em 1789. Ao menos um deles deixou claro que buscava as “Cartas de ovidio por Miguel do Couto Guerreiro”.¹⁰ Nesse caso o que se lia era uma versão “expurgada de toda a obscenidade”, acrescentada de escritos de Sabino e Sidrônio e ampliada pelo tradutor, responsável pela “maior parte” das respostas às cartas.

Da mesma forma, todos os que pediram versões *ad usum* de textos latinos tomavam contato com versões didáticas revistas e alteradas pelos organizadores da obra. Para designar a destinação escolar dos livros, utilizavam-se as expressões *ad usum delphini* (para o uso do delfim – o príncipe herdeiro), *ad usum studiosae juventutis* (para o uso da juventude estudiosa), *ad usum scholarum* (para uso escolar), *ad christianae juventutis usum* (para o uso da juventude cristã), ou simplesmente *ad usum*. A consagração da expressão para designar obras didáticas fazia com que se pedisse autorização para remessa de, por exemplo, “Cornelius Nepos ad usum”, embora não existisse nenhuma publicação com esse título. Com certeza, o requerente queria apenas indicar seu desejo de fazer passar ao Brasil uma versão simplificada e didática dos escritos de Cornélio Nepos.

Assim, mesmo que 66% dos livros mais remetidos ao Rio de Janeiro fossem escritos em língua estrangeira, não é necessário supor que os leitores cariocas fossem políglotas. Todos os livros pelos quais há grande procura já estavam traduzidos para o português no século XVIII.¹¹ O mundo editorial lusitano parece, assim, bastante atuante, sendo capaz de oferecer traduções para as obras de maior sucesso. Um dos livros mais procurados nesse período, o *Paraíso Perdido*, foi traduzido em 1789 pelo Padre José Amaro da Silva, que, no Prólogo, exalta a importância das traduções:

Creio que será bem aceita esta lembrança, que tive com a Tradução deste Poeta. He justo que esta Nação tenha na sua Língua tudo quanto nas outras hower; porque nem só os Sábios devem lêr, mas todos os outros, para que ou o sejaõ, ou se instruaõ. Naquelle Nação, em que até a mesma escória do Povo lê, he onde os costumes são melhores, a Patria he amada, a Religiaõ mais observada, e os Soberanos obedecidos, e mais estimados. A ignorancia, e a falta de lição, he a fonte, donde dimanaõ as desordens, a soberba, o despotismo, a desobediencia, e até a mesma superstição e irreligião.¹²

O entusiasmo do Padre com as traduções e com o poder da leitura parece ter sido compartilhado por aqueles que se dirigiram aos órgãos de censura portugueses, tendo em vista que a maior parte dos pedidos que fornecem indicações bibliográficas completas explicita o fato de estar remetendo traduções. Quando não se optava pela tradução portuguesa, ainda assim se lia uma tradução, pois as obras compostas em inglês, espanhol, italiano ou grego foram mencionadas nas listas em versão francesa ou portuguesa e jamais na língua original. Se é possível entender a preferência por estas línguas em contraposição ao inglês ou italiano – pouco difundidos no período como línguas internacionais –, causa certo espanto o caso de *D. Quixote* não ser solicitado em espanhol sequer uma vez, e sim em francês ou português.

O bom negócio da tradução fazia com que proliferassem as versões numa mesma língua. Às vezes, essa multiplicação devia-se ao desejo do editor de fornecer ao público um melhor texto, como parece ter sido o caso do livreiro e editor Rolland que, tendo publicado uma tradução de *Paulo e Virgínia*, decidiu buscar um novo tradutor no momento da reedição. É o que se percebe em um bilhete escrito por seu primo Estevão Semiond a um tradutor:

dizendo-me [Rolland] que está acabando a sua edição de “Paulo e Virgínia” e que em outro tempo lhe tinhas fallado em uma tradução milhor que tinhas feito, que visto ter de reimprimir, desejaria fazer couza digna dos tempos “const.” [constitucionais?] [...] em lugar da antiga, imprimiremos a tua em que o publico achava mais proveito, lendo portuguez puro e não portuguez [palavra riscada: estava antes – “afrancezado”], como na outra. Nisto fazias hum beneficio ao público e hum obséquio a meu primo.¹³

Outras vezes o sucesso de uma obra atraía diferentes tradutores, como aconteceu, por exemplo, com as *Aventuras de Telêmaco*, objeto de várias traduções distintas no século XVIII.¹⁴ A cada nova edição ou reedição, os tradutores elogiavam o próprio trabalho e apontavam defeitos

no preparado por outros.¹⁵ A ciranda das traduções foi descrita em um prefácio às *Aventuras de Telêmaco*, preparado por José da Fonseca, responsável por uma edição “retocada e correcta” da obra de Fénelon:

Muito ha que eu desejava poder dar a meus conterraneos uma nova edição do Telemaco, vista e correcta por mim. Hoje, finalmente, satisfiz minha vontade n'esta que sai a publico. Como eu conversei, em París, o [sic] inimitavel Francisco Manuel, sube [sic] d'elle que a traducção, que em Portugal corre, com o nome do capitão Manuel de Sousa, deve muito ao nosso Vate, intimo amigo do dicto capitão. “Eu (são palavras de Philinto) traduzia, com o original na mão, passeiando no meu quarto, e Manuel de Sousa escrevia o que lbe eu dictava: elle retocava depois a versão em sua casa; e assim procedemos athé completal-a”. Com effeito, so [sic] Francisco Manuel (então na sua patria, e com a cabeça bem recebiada de termos e phrases classicas), podia derramar tanta copia [sic] de boa linguagem n'este livro, vero thesouro da lingua portugueza: mas a grande celeridade com que foi feita a mesma translação (talvez a instancias de livreiro) não permitiu a esses dous illustres sabios expurgal-a de muitos termos baixos e incongruentes ao assumpto; d'infindas repetições; e darem, outro-si, aos periodos, aquelle boleo harmonico, que requer a prosa poetica do original. Eis a tarefa, a que eu puz peito, não obstante as difficuldades, que me offerecia seu desempenho; do qual nada direi: toca aos doctos avalial-o, cotejando este meu trabalho co'a versão de que me servi, impressa em Lisboa, no anno de 1776.¹⁶

O curioso sistema de tradução envolveu três pessoas que desempenharam diferentes papéis: tradutor, copista, revisor, adaptador. As liberdades que se davam os tradutores daquela época permitiam que eles interferissem no enredo, acrescentando, alterando ou removendo trechos inteiros. Alguns iam mais longe. Em 1765, José Manoel Ribeiro Pereira havia feito a primeira tradução para o português do livro de Fénelon e achou que a história “carecia de remate” por não relatar o casamento do herói. Não teve dúvidas e compôs as *Aventuras finaes de Telemaco* narrando o que, do seu ponto de vista, faltava.

A quantidade de traduções e edições em um mesmo período atesta o sucesso da obra, o que fazia com que livreiros e editores importantes como Rolland, Reycend e Bertrand quisessem ter distintas edições em seus catálogos.¹⁷ O público também manifestava preferências por uma ou outra versão. Assim é que, em 1799, Jozé Antonio da Silva pedia “Telemaco em verso”,¹⁸ solicitação estranha à primeira vista, uma vez que o original havia sido escrito em prosa. Entretanto, Jozé Antonio da Silva poderia escolher entre várias adaptações disponíveis: *Il Telemaco in ottava rima*, feita por Flaminio Scarselli em Roma em 1747; *Aventuras de Telémaco. Traduzido em verso portugues*, elaborada por Joaquim José Caetano Pereira e Sousa, em Lisboa, 1768; *Le Télémaque mis en vers*, publicado por Nicolas Bugeat, em Weimar, 1797. Se esperasse mais alguns anos, poderia ler os versos ingleses de Charles Burdett no *Telemachus versified*, editado em Londres, em 1820.

Dentre as obras escritas originalmente em português, chama a atenção o fato de a maior procura ser pelos escritos de Bocage e pelo romance *Lances da Ventura*, seguidos pelas *Viagens de Altina* e *O Feliz Independente*. A obra daquele que é considerado o mais importante autor português, Luís de Camões, parece ter despertado menos interesse do que romances atualmente desconhecidos e o mesmo interesse que as poesias de João Xavier de Mattos – influenciadas, justamente, pelos versos de Camões. A percepção do interesse do público pela obra do poeta lusitano altera-se um pouco quando se consideram os 6 pedidos para *Os Lusíadas*. A mesma má sorte teve o poeta entre os leitores do Porto, local para onde suas *Obras* foram enviadas apenas 5 vezes, as *Rimas*, 3 e *Os Lusíadas*, 2.

Autores e obras posteriormente integrados às histórias da literatura em língua portuguesa parecem ter tido ainda menor penetração, no Rio de Janeiro, do que Camões: *Crônica do Imperador Clarimundo*, de João de Barros, foi solicitada 6 vezes; *Obras*, de Sá de Miranda, 4; *Obras poeticas*, de Domingos dos Reis Quita, 4; *Odes pindáricas*, de António Diniz da Cruz e Silva, 3; *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, 3. Nem um pedido

sequer para alguma das obras de Gil Vicente, por exemplo. Textos tidos como importantes para a constituição de uma literatura brasileira, como *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, e *Caramuru*, de Santa Rita Durão, receberam respectivamente 8 e 4 pedidos. Por outro lado, há dez pedidos para uma obra escrita por uma brasileira hoje completamente esquecida: *Aventuras de Diófanos*, de Theresa Margarida da Silva e Horta.

Após a transferência da Família Real para o Brasil, o comércio livreiro ganhou forte impulso, fazendo com que até 1826 fossem enviados ao Rio de Janeiro mais de 800 títulos. O aumento dos livros em circulação ampliou ainda mais a dispersão, já que 56% deles (487 títulos) foram enviados uma única vez. Outras tendências mantêm-se, considerando-se a lista dos mais procurados:

	Título	Quantidade
1.	<i>Les Aventures de Télémaque</i> , François de Salignac de la Mothe-Fénelon	65
2.	<i>Les Mille et Une Nuits</i> , por Antoine Galland	55
	<i>Selecta Latini Sermonis exemplaria e scriptoribus probatissimis</i> , Pierre Chompré	55
3.	<i>Histoire de Gil Blas de Santillane</i> , Alain René Lesage	50
4.	<i>Magazin d'enfants</i> , Pauline de Montmorin, Mme Leprince de Beaumont	46
5.	<i>História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França</i> , anônimo	41
6.	<i>Obras</i> , Manuel Maria Barbosa du Bocage	39
7.	<i>O Feliz independente do mundo e da fortuna, ou arte de viver contente em quaisquer trabalhos da vida</i> , P ^o . Theodoro de Almeida	37
	<i>Lances da Ventura, acasos da desgraça e heroísmos da virtude</i> , D. Felix Moreno de Monroy y Ros	37
8.	<i>Thesouro de meninos</i> , P. Blanchard / Matheus José da Costa	34
9.	Horacio ad usum	30
10.	<i>Marília de Dirceu</i> , Thomas Antonio Gonzaga	28

Tabela 2: Títulos de Belas Letras mais solicitados em requisições destinadas ao Rio de Janeiro, conservadas nos fundos da Real Mesa Censória e relativas ao período compreendido entre 1808 e 1826.¹⁹

Há uma evidente permanência na preferência dos leitores: 44% das obras do primeiro período continuam a ser importadas com frequência, com destaque para a manutenção das *Aventures de Télémaque* no primeiro lugar.²⁰ Fénelon realizou o sonho impossível do escritor contemporâneo: manter-se no topo da lista dos best-sellers por mais de 100 anos, não só em seu próprio país, mas até mesmo em terras, à época longínquas, como o Brasil.²¹ O caso das *Aventuras de Télémaque* não é único – acompanham-no livros como *História de Gil Blas*, *Obras de Luis de Camões* – revelando uma estabilidade no gosto desconhecida nos dias atuais.²² Se o interesse por estas obras permaneceu desde seu lançamento, outras parecem ter sido “descobertas” tardiamente. É o caso de *As Mil e uma noites* (cuja primeira edição data de 1704), que não havia chamado a atenção até 1815, quando começou a ser remetida diversas vezes ao ano.²³ Os demais livros, embora não tão longevos como estes, não são propriamente uma novidade: todos foram compostos no século XVIII ou anteriormente. Nem sequer as traduções para o português são recentes, já que todos eles haviam sido traduzidos no século XVIII, exceto *As Mil e uma noites*, vertido para o português em 1801 (o que talvez ajude a explicar o relativo esquecimento em que ficou nos anos setecentos). Uma exceção, notável nessa época em que os tempos eram longos e as mudanças se produziam lentamente, é a obra *O Piolho Viajante*, publicada pela primeira vez em 1802 e rapidamente incorporada ao universo dos preferidos.²⁴

Fenômeno interessante ocorre com *Marília de Dirceu*. A crer nas informações contidas nos documentos apresentados à censura lusitana, os primeiros 8 anos de vida da publicação passaram despercebidos para os cariocas – publicado pela primeira vez em 1792, somente em 1800 o

livro começou a ser remetido ao Rio de Janeiro. Nesse mesmo período, segundo Hallewell, o livro teve quatro edições em Lisboa, uma das quais vendeu 2.000 exemplares em apenas seis meses.²⁵ No Brasil, *Marília de Dirceu* não parece ter sido muito conhecida no século XVIII, pois registram-se apenas 8 pedidos até 1807 – embora o volume de livros remetidos possa ser relativamente elevado considerando-se que todas as requisições de licença foram elaboradas por livreiros.²⁶ A pequena procura talvez se explique por algum temor causado pela proximidade da perseguição aos Inconfidentes. Entre 1808 e 1826, tendo aumentado significativamente o interesse pelo livro, mantém-se a predominância de negociantes no envio de exemplares para a colônia – 25 pedidos são assinados por pessoas ligadas ao comércio, dentre as quais se destaca João Gomes de Oliveira, responsável por 9 pedidos, seguido por Rolland, autor de 6 solicitações. A volumosa importação da obra é ainda mais surpreendente quando se lembra que ela foi editada pela Imprensa Régia, no Rio de Janeiro, em 1810²⁷ e que, portanto, poderia ser adquirida na cidade sem necessidade de importação.²⁸ O sucesso do livro não se produziu apenas no Brasil pois, segundo Innocencio da Silva, “excepção feita de Camões, nenhum outro portuguez alcançou no presente século as honras de tamanha popularidade!”²⁹ referindo-se ao fato de *Marília de Dirceu* ter tido 15 edições na primeira metade do século XIX.

Se em número de edições Camões superava Gonzaga, o mesmo não acontecia em relação à preferência de leitura dos moradores do Rio de Janeiro. A situação seria alterada, entretanto, se adicionássemos aos 27 pedidos para as *Obras* de Camões, as 24 solicitações relativas a *Os Lusíadas* – cuja demanda quadruplicou após a transferência da Família Real. É possível que a corte desejasse manter contato com a terra natal por meio da leitura destas obras e das outras compostas originalmente em Portugal.

Não obstante, o português não predomina como língua de origem, posição assumida pelo francês (46% dos livros mais solicitados foram escritos nessa língua, enquanto 30% são de origem portuguesa). O

interesse por obras escritas em português rivaliza com aquele despertado por obras estrangeiras, o que parece natural tendo em vista a abertura dos portos, responsável por considerável crescimento da presença de estrangeiros no Rio de Janeiro. Talvez por isso tenha aumentado a quantidade de pedidos que solicitam as obras no original, mesmo havendo traduções disponíveis de todas elas. A pequena Babel em que se havia transformado o Rio de Janeiro pode ser vista por meio dos pedidos para as *Aventures de Télémaque*, solicitadas como “Aventuras de Telemaco em francez e Hespanhol”, “Aventuras de Telemaco em inglez e Hespanhol”, “Telemaco em inglez e francez” – fazendo referência, provavelmente, às edições políglotas do livro³⁰ –, além dos convencionais pedidos do tipo “Fenelon, Aventures de Telemaque, Paris, 1799”, “Adventures of Telemaco”, “Telemaco em portuguez”.

Embora se tenha começado, a partir daí, a solicitar versões inglesas de textos escritos originalmente em outras línguas, os autores anglo-saxões foram excluídos da lista dos mais solicitados – as requisições para as obras *Night Thoughts, Meditations and Contemplations* e *The Paradise Lost* reduziram-se para 14, 13 e 11 pedidos respectivamente. Assumiu o topo da lista entre os ingleses, o livro *The Life and Strange Surprising Adventures of Robinson Crusoe of York, Mariner*, de Daniel Defoe, com 18 pedidos entre 1808 e 1826. Assim como havia quem preferisse ler as *Aventures de Télémaque* em inglês, havia quem solicitasse as “Aventures de Robinson Crusoe, Paris, 1799”. A mesma opção parece ter feito o tradutor para o português e seu editor que esclareciam que a *Vida e aventuras admiráveis de Robinson Crusóe, que contêm a sua tornada à sua ilha, as suas novas viagens e as suas reflexões* haviam sido “traduzidas da língua francesa por Henrique Leitão de Sousa Mascarenhas”, em Lisboa, 1785.

Além das alterações na nacionalidade das obras e nas línguas em que eram solicitadas, ocorreu uma modificação importante, com a ampliação da presença de autores latinos dentre os mais procurados. Se até 1807 a cultura latina estava representada apenas por uma antologia escolar – *Selecta Latina*, de Pierre Chompré –, a partir de 1808, passou a haver

interesse também pela versão didática da obra de Horácio, que recebeu 30 pedidos.

Parte fundamental da cultura escolar dos anos setecentos e início dos oitocentos centrava-se no estudo dos autores e textos clássicos da Antigüidade, conhecimento tido como fundamental para o prosseguimento da escolarização. Sob o título geral de curso Letras, abrigava-se o aprendizado de Gramática, de Poética e de Retórica latinas e gregas, associando-se conhecimentos de História e Geografia. O domínio escrito e oral da língua latina e a familiaridade com a cultura clássica eram os objetivos desses estudos introdutórios, que deveriam preparar os alunos para a leitura integral das obras originais.

Não obstante se supusesse, à época, que os autores clássicos representavam o auge a que teria chegado a arte de escrever, sua presença no Rio de Janeiro era tímida e fundamentalmente associada aos textos didáticos, antologias e versões abreviadas. Sobressaíam, em número de títulos e quantidade de pedidos, as obras clássicas em versões *ad usum delphini* – expressão latina, cunhada inicialmente para designar a edição de clássicos organizada sob a direção de Bossuet e de Huet, “para o uso do Delfim”, ou seja, para o filho de Luis XIV. Grande sucesso na Europa ao longo dos séculos XVIII e XIX, essas publicações eram organizadas segundo princípios muito próximos àqueles que estruturavam a *Selecta Latina*: resumo, seleção de trechos, apresentação de notas explicativas e adaptações com vistas à supressão de passagens licenciosas ou consideradas de difícil compreensão. Nas edições portuguesas, os títulos dessas obras não contêm a expressão *ad usum*, recebendo nomes que podem fazer supor tratar-se de versão integral da obra de autores gregos e latinos. Entretanto, os solicitantes de autorização para remessa de livros para o Brasil explicitavam o fato de estarem interessados nesse tipo preciso de edição. Explícitas também eram algumas encadernações portuguesas que gravavam, apenas nas lombadas dos livros, o nome do autor clássico seguido da indicação *ad usum*, omitindo o título completo. De olho na clientela, o Catálogo da Imprensa Régia de Lisboa não deixava

dúvidas sobre os produtos que vendia, diferenciando claramente as versões *ad usum* ou *in usum* das demais. O Catálogo distingue, por exemplo, duas edições da obra de Cícero: “Ciceronis Opera omnia cum delectu commentarior in usum delphini, edit. a Josepho Oliveto. Genevae, 1743” e “Ciceronis Opera, quae supersunt omnia ad fidem aptimarum editionum diligenter expressa. Glaguae 1749”.³¹ Grande parte das obras anunciadas era impressa fora de Portugal, razão pela qual, logo na abertura do Catálogo, imprime-se um “Aviso ao Publico”:

Quem quizer alguns Livros dos que são impressos em Paizes Estrangeiros, poderá com toda a brevidade, e conveniencia alcançallos, entregando as memorias assignadas a Francisco de Paula da Arrabida Administrador da loge da Impressão Regia na Praça do Commercio, o qual tem correspondencias estabelecidas em Italia, França, Hollanda, Alemanha e Inglaterra, e com todo o cuidado dará comprimento ás encomendas, que se lbe fizerem.

Algo aproximava aqueles que viviam no Rio de Janeiro dos que residiam em Portugal: ambos deveriam recorrer à importação e submeter-se ao controle da censura para poder ter em mãos livros pelos quais se interessassem.

A transferência da corte para o Brasil e a conseqüente abertura dos portos deve ter facilitado a aquisição de obras importadas. Assim, registram-se pedidos para 1.190 títulos diferentes (distribuídos por 1.956 livros). O interesse daqueles que se dirigiram à Mesa do Desembargo do Paço, instalada no Rio de Janeiro, era um tanto distinto daquele dos que se reportaram à censura lusitana:

	Título	Quantidade
1.	<i>Les Aventures de Télémaque</i> , François de Salignac de la Mothe-Fénelon	38
2.	<i>Fables de La Fontaine</i> , Jean de La Fontaine	28
	<i>Voyage de La Pérouse au tour du Monde</i> , L.A.Milet Mureau	28

3.	<i>Histoire de Gil Blas de Santillane</i> , Alain René Lesage	17
	<i>Jerusalem liberata</i> , Torquato Tasso	17
4.	<i>Oeuvres</i> , Racine	16
5.	<i>Oeuvres</i> , Molière	14
	<i>Voyage du Jeune Anacharsis en Grèce</i> , Jean-Jacques Barthélemy	14
6.	<i>Oeuvres</i> , Corneille	13
7.	<i>El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha</i> , Miguel de Cervantes	12
	<i>The Life and Strange Surprising Adventures of Robinson Crusoe...</i> , Daniel Defoe	12
	<i>Oeuvres</i> , Boileau	12
	<i>Oeuvres</i> , Alain René Lesage	12
	<i>Paul et Virginie</i> , Jacques-Henri Bernardin de Saint-Pierre	12
8.	<i>Oeuvres</i> , Prevost	11
9.	<i>Le poème sur la Religion</i> , Racine	9
	Obras, Virgílio	9
10.	<i>Oeuvres</i> , Gresset	8
	<i>La Henriade</i> , Voltaire	8
	<i>Scènes de la vie du grand monde</i> , Maria Edgeworth	8

Tabela 3: Títulos de Belas Letras mais solicitados em requisições submetidas ao Desembargo do Paço, no Rio de Janeiro, entre 1808 e 1821.³²

Livros como *Aventures de Télémaque*, *Histoire de Gil Blas de Santillane* e *Don Quijote de la Mancha* parecem ter sido sucessos incontestáveis em qualquer parte do mundo, chegando ao Brasil seja por meio de Portugal seja a partir de outros países europeus. Apesar dessas repetições, a lista elaborada tendo por base as entradas fiscalizadas pela Mesa do Desembargo do Paço do Rio de Janeiro traz fortes novidades, talvez devido às diferentes condições em que foi produzida.

Enquanto no primeiro período, dos 205 pedidos submetidos à censura portuguesa, 116 foram assinados por livreiros ou negociantes e, no segundo período, dos 357 pedidos, 226 foram de responsabilidade de

gente ligada ao comércio; aqui, das 84 solicitações apenas 30 foram encaminhadas por comerciantes.³³ Isto é, se no envio de livros de Portugal para o Rio de Janeiro mais da metade das remessas era realizada por mercadores, no caso do Desembargo do Paço a maioria dos requerimentos era assumida por particulares. Além disso, os comerciantes que se dirigiam ao Paço não insistiam nesse negócio – ao menos não por essas vias –, já que 7 deles o fizeram apenas uma única vez. Carlos Durand, que nas solicitações se apresenta como “negociante francez com armazem de fazendas e livros nesta cidade”, foi o que mais vezes se dirigiu à Mesa para liberação de livros, não o fazendo, entretanto, por mais de 5 vezes. É possível supor, assim, que grande parte dos livros liberados na alfândega do Rio de Janeiro pertencesse a pessoas comuns que os haviam encomendado na Europa ou que os transportavam consigo em sua viagem. É também provável que parte dos estrangeiros que se transferiu para a cidade depois da vinda da corte trouxesse livros para “seu proprio uso”, como afirmaram alguns.

Isso ajudaria a explicar a assombrosa dispersão de títulos e a pouca freqüência com que entravam na cidade. Pela Mesa passaram solicitações para liberação de 1.190 títulos diferentes, dos quais 924 foram pedidos uma só vez em 14 anos. Pode ter contribuído, ainda, o fato de que esses livros aportavam no Brasil vindos de diferentes partes do mundo – e não mais apenas de Portugal –, assim como aí se registravam também os impressos em trânsito interno entre portos brasileiros.

Seja como for, não apenas a dispersão é maior, mas também a concentração é menor. Além de as repetições serem menos freqüentes, a quantidade de pedidos por título, ainda que se considerem apenas os mais solicitados, é baixa. Assim sendo, as *Oeuvres* de Gresset, *La Henriade* de Voltaire e as *Scènes de la vie du grand monde*, de Miss Edgeworth, foram introduzidas no Rio de Janeiro 8 vezes ao longo de 14 anos, muito embora ocupem o décimo lugar.

Dessa forma, apesar de esta lista e aquela apresentada na Tabela 2 dizerem respeito à mesma cidade e a, praticamente, um mesmo período,

elas são bastante distintas.³⁴ Obras que aparecem entre as preferidas no conjunto dos documentos do Paço tinham despertado muito pouca atenção daqueles que encaminhavam solicitações de autorização para remessa de livros de Lisboa. Assim é que *Voyage de La Pérouse autour du Monde* não foi registrado nem uma vez nos arquivos lisboetas, enquanto *Jerusalem liberata* foi indicada 1 vez. Houve indicações de algumas obras de Racine: 4 pedidos para as *Oeuvres* e outros 4 para o poema *Religião*, 3 pedidos para a tragédia *Atalia*, 2 para *Theatro* e 1 para *Fedra*. Molière também não atraiu muita atenção, tendo sido lembrado apenas 5 vezes. *Voyage du Jeune Anacharsis en Grèce* foi solicitada 2 vezes; mesma quantidade de pedidos recebida para as *Oeuvres* de Corneille. Já as *Oeuvres* de Boileau e *La Henriade* de Voltaire foram mencionadas em 4 requisições. As *Obras* de Lesage, Prévost e Gresset não foram solicitadas nem uma vez sequer, assim como a ninguém tinha ocorrido a idéia de ler o trabalho de Miss Edgeworth.

Amplia-se fortemente a predominância de autores franceses entre os mais solicitados – 75% das obras foram escritas na França, enquanto 10% são de origem inglesa, restando 5% para os italianos, 5% para os espanhóis e 5% para os latinos. O destaque do francês é visível também na elaboração dos pedidos, pois o registro dos títulos foi majoritariamente feito nesta língua, mesmo que houvesse tradução disponível ou mesmo que fosse outra a língua de origem do texto. Não se menciona a obra de Torquato Tasso, por exemplo, em italiano e sim como *Jerusalem délivrée*. Além disso não há nem uma obra de origem portuguesa entre as mais enviadas, embora haja quantidade significativa de lusitanos entre os responsáveis pelos pedidos. Assim, essas obras parecem mais voltadas para os estrangeiros presentes no Rio de Janeiro do que para os cariocas ou para a corte e seus acompanhantes.

Chama a atenção também o fato de esta ser a listagem em que comparece maior número de autores hoje considerados grandes nomes da literatura, com destaque para os escritores do *grand siècle* – Racine, Corneille, Boileau e Molière –, compondo o panteão de grandes autores

ao lado de Voltaire, Tasso, Cervantes e Virgílio. As duas outras relações, constituídas a partir de documentação lisboeta, são muito menos ortodoxas. Se também há títulos bem conhecidos (como *D. Quixote*, *Paraíso Perdido*, *Marília de Dirceu*, *Obras* de Camões e de Bocage), têm forte presença autores menos considerados pela crítica literária como Young, Hervey, Lesage, Galland, Fénelon, Mattos. Grande parte deles, entretanto, são textos excluídos da alta tradição e completamente ignorados atualmente – *Le Voyageur François*, *História do Imperador Carlos Magno*, *Caroline de Lichtfield*, *Lances da Ventura*, *Viagens de Altina*, *O Feliz independente*, *Delli viaggi di Enrico Wanton*, *O Piolbo Viajante*. Acresçam-se a estes, trabalhos como *Selecta Latini*, *Fábulas*, de Esopo, e Horacio ad usum, desprestigiados por sua destinação escolar, mais do que pelos autores e textos envolvidos.

Duplamente desvalorizados são os livros *Magasin d'enfants* e *The-souro de meninas* pois, além de serem narrativas ficcionais cujo propósito era a moralização e a educação, tinham como público alvo as crianças e jovens.

Magasin d'enfants, obra de Pauline de Montmorin, condessa Le-prince de Beaumont, foi mencionada sempre em português – como *The-souros de meninas* –, de forma que, mais uma vez, os cariocas deram preferência à tradução. O título completo do livro sintetiza seus objetivos e conteúdo:

*The-souro de Meninas, ou Dialogos entre huma sabia aia, e suas disci-pulas da primeira distinção, nos quaes reflectem, fallão, e obraõ as Meninas, se-gundo o genio, temperamento, e inclinações de cada huma: e representando-se os de-feitos da sua idade, mostra-se de que modo se podem emendar: comprehendendo-se tambem nelles hum Compendio de Historia Sagrada, da Fabula, da Geographia; e isto tudo cheio de reflexões uteis, e de contos Moraes, para as entreter agradavel-mente, e escrito em estilo simples e proporcionado aos seus tenros annos.*³⁵

Traduzida em 1774, por Joaquim Ignácio de Frias, a obra parece ter satisfeito os desejos do tradutor, que advertia no “Prólogo” que este livro “deve ser o primeiro, que se deve dar a hum menino, ou menina, tanto que se destina a aprender as primeiras letras”, conquistando o público aquém e além mar. Seus objetivos não se restringiam à alfabetização pois o verdadeiro fim da leitura era fazer sair das escolas meninos “ainda tenros nos annos, provectoros na virtude, e livres daquelles prejuizos, com que os Pais, Amas e Mestres lhes desordenavão o cérebro.”³⁶ Supõe que isso seria conseguido por meio de narrativas em que tomam parte uma Preceptora e algumas meninas. No interior dessa moldura narrativa, contam-se histórias bíblicas, como a de Adão e Eva, ou narrativas ficcionais, como a Bela e a Fera, que, além de permitir inculcar noções de moral, virtude e religião, possibilitavam o ensino de conteúdos escolares como “os quatro pontos cardeais”, “a borboleta e suas metamorphoses”, “noções de geographia” etc.

O sucesso da obra em todo o mundo fez com que a autora seguisse com uma série de *Magasins*, enquanto prosseguiam as publicações de *Thesouros* traduzidos.³⁷ A popularidade dos *Thesouros*... gerou um interessante caso editorial com a publicação dos *Thesouro de meninos, resumo de historia natural, para uso da mocidade de ambos os sexos, e instrução das pessoas, que desejão ter noções da Historia dos tres Reinos da Natureza*.

Segundo a edição publicada em 1813, pela Impressão Régia de Lisboa, trata-se de “obra elementar, compilada, e ordenada por Pedro Blanchard, Traduzida do Francez, e offerecida á Mocidade Portugueza, por Matheus José da Costa, Beneficiado, e Mestre de Cerimonias da Santa Igreja Patriarcal de Lisboa”. A definição do responsável pelo texto é tarefa difícil quando a página de rosto indica a autoria de P. Blanchard e a tradução de Matheus José da Costa, mas o “Prefácio do Traductor” adverte que este não seguiu muito de perto o original no qual encontrava vários erros. Até mesmo no título interferiu pois, “como todo este trabalho se destina para a educação da Mocidade, não tive nenhuma duvida em lhe dar o título de Thesouro de Meninos, em lugar de *Buffon da Moci-*

dade, que lhe deo o Author”.³⁸ Uma terceira figura participa da composição do texto, o Doutor Felix de Avellar Brotero, que tomou a si a tarefa de emendar os trechos em que havia incorreções – “que forão bastantes”, adverte o tradutor.

O resultado dessa tripla autoria é uma narrativa em que um “Pai de Famílias” dá instruções a quatro jovens sobre cosmografia, mineralogia, botânica e zoologia, dentro de uma estrutura narrativa que os leva a passeios, observações da natureza e conversas, nas quais não faltam conselhos sobre os “deveres da Moral, da Virtude e da Civilidade”.

O interesse por livros infantis não se esgota nesses dois títulos, pois há ainda 19 pedidos submetidos à censura lusitana, entre 1808 e 1826, que requerem autorização para o envio de “Livros dos Meninos”. A falta de melhor precisão impede que se saiba de que publicação se trata, já que no período era possível obter: *Livro para meninos, no qual se propoem hum methodo facil para os ensinar a ler: com huma breve historia da criação do mundo, e outra dos animaes, ambas adornadas com fíguas, etc.*, de Manoel Dias de Souza,³⁹ ou *Livro de educação de meninos ou ideas geraes e definição das cousas que devem saber*, traduzido do francês por Luis Pedro Le-Cor,⁴⁰ ou ainda *Livro dos meninos, ou idéas geraes, e definições das cousas, que os meninos devem saber*, traduzido por João Rosado de Villalobos.⁴¹

Embora os pedidos submetidos à Mesa do Desembargo do Paço não façam menção a *Thesouros*, a presença de livros destinados a crianças é expressiva, havendo grande quantidade de títulos em versão original referidos nos pedidos de autorização apresentados à censura. Assim é que no Rio de Janeiro aportou toda uma série de Magasins: *Magazin des adolescentes, pour servir de suite au Magazin des Enfants* (6 pedidos), *Instructions pour les jeunes dames, qui entrent dans le Monde, se marient, &c. pour servir de suite au Magazin des Adolescentes* (4 pedidos) e *Magasin des enfants* (4 pedidos), todos de Mme de Beaumont.

Além destas, outras 26 obras de natureza semelhante entraram no Rio de Janeiro a partir da fiscalização exercida pelo Desembargo do Paço:

*“Morale en action”, “Biographie de geunes gens – 3”, “Children’s books A B C”, “Contes a mes jeunes amis – 6”, “Enciclopedia da Infancia”, “Ensayo de meninos”, “Estudes de demoiselles”, “3 - Etrennes a mon fille”, “3 - Galerie des enfans”, “Juvenile Games”, “L’ami des enfans”, “3 - Le Cabinet des enfans”, “Les contes de fées”, “9 Le garçon sans souci”, “3 Le livre des Enfans Laborieux”, “3 Le loisir de l’enfant”, “Les enfans (contes)”, “Les enfans célèbres”, “3 - Les escoliers en Vacance”, “3 Les nuits enfantines”, “2 Marmontel, memoires d’un Pere a ses enfans”, “Le menthor des enfans”, “Meus meninos”, “9 - Modellos das meninas”, “3 Musée de la Jeunesse”, “Mytologie de la jeunesse”, “Passa-tempo da Mocidade”.*⁴²

Estudiosos da literatura infantil européia, como André Bay, consideram que, a partir do século XVIII, ela “torna-se rapidamente propriedade de todas as crianças do mundo, ao menos do mundo de raça branca”.⁴³ A quantidade e variedade de títulos presentes no Rio de Janeiro indica que crianças, às vezes de raça não tão branca, moradoras no Rio de Janeiro, também já conheciam a literatura infantil produzida na Europa no início do século XIX. A transferência da corte para o Rio de Janeiro, assim como a liberação da entrada de estrangeiros, provavelmente fez com que se ampliasse a quantidade de crianças na cidade e, mais do que isso, aumentasse o número de pais interessados em fornecer aos filhos uma educação beletrista e livresca. É o que se pode supor considerando-se o significativo aumento na quantidade e variedade de títulos infanto-juvenis e didáticos em comparação com a disponibilidade verificada antes de 1808.⁴⁴

O interesse das crianças – ou o de seus pais – pelos livros fez com a Imprensa Régia também ocupasse seus prelos com a publicação, em 1818, do livro *Leitura para os meninos, contendo huma collecção de Historias Moraes relativas aos defeitos ordinarios ás idades tenras, e hum dialogo sobre a Geografia, Chronologia, Historia de Portugal, e Historia Natural*, de José Saturnino da Costa Pereira. A obra parece ter agradado pois foi reeditada em 1821, 1822 e 1824.

Se as obras citadas acima são explicitamente destinadas às crianças e jovens, outros títulos pelos quais se verifica grande procura também faziam parte do repertório infanto-juvenil. Em alguns casos são obras produzidas tendo em vista um público adulto, adotadas, entretanto, pelos pequenos leitores – como *Robinson Crusoe* ou *D. Quixote*. Em outros, ocorre justamente o contrário, livros produzidos com uma destinação infantil ganham o interesse dos leitores maduros. É o que se passa, por exemplo, com as *Aventuras de Telêmaco* que, embora não possa ser considerado um livro lido apenas por crianças, parece ter tido como destinação primeira o jovem filho de Luis XIV. Reza a lenda que Fénelon, em dificuldades para disciplinar e instruir o herdeiro do trono, teria concebido a idéia de tomar o filho de Ulisses como herói de uma narrativa capaz de interessar seu aluno ao mesmo tempo em que o informasse sobre o mundo grego. As semelhanças entre a situação do protagonista e a do leitor deveriam favorecer a identificação e estimular o interesse do irrequieto pupilo.

A crer em Fénelon, a obra não deveria ser impressa, tendo chegado ao prelo apenas “pela infidelidade de um copista”.⁴⁵ Assim que foi publicada, conheceu sucesso imediato, superando os limites didático-moralizantes em que foi concebida, tornando-se leitura praticamente obrigatória da nobreza, que viu no texto uma dissimulada ironia em relação à corte e ao soberano, identificando pessoas reais sob a máscara dos diferentes personagens. Enquanto para o sucesso do livro – apreciado quase imediatamente na maior parte dos países europeus – a suposta equivalência entre ficção e realidade foi benéfica, para a fortuna do autor nada poderia ter sido mais catastrófico do que despertar a ira de Luis XIV.

Dessa forma, em sua concepção, as *Aventuras de Telêmaco* são uma obra *ad usum delphini*, assim como as versões dos clássicos gregos e latinos. Neste caso, entretanto, há uma novidade importante pois não se trata de adaptação de obra já conhecida mas de acomodação de conteúdos provenientes de história, geografia, mitologia, poesia, nos moldes de

um gênero de sucesso: o romance. Embora desvalorizado, no período, como gênero menor por não seguir os preceitos da Poética ou da Retórica, era, dentre os escritos de Belas Letras, o que despertava maior interesse no público.⁴⁶ No Rio de Janeiro os romances não apenas foram mencionados na maioria dos pedidos, mas também ocuparam as primeiras posições nas listas de livros mais apreciados. Basta ver que o livro de Fénelon era best seller indiscutível na cidade, desde 1769, ao menos. Outros entravam e saíam da preferência dos leitores, sem abalar, entretanto, a supremacia do gênero: no primeiro período, 55% das obras que compõem a lista das preferidas são romances; no segundo período, considerados os envios controlados pela censura portuguesa, os romances passam a ser responsáveis por 58% dos mais solicitados. Apesar de a concentração de clássicos nos pedidos examinados pela Mesa do Desembargo do Paço no Rio de Janeiro ser superior àquela encontrada nos documentos lusitanos, a presença dos romances é também bastante forte – 45% das obras mais enviadas pertence a este gênero.⁴⁷ Não há como negar, portanto, a ampla difusão da leitura de romances no final do século XVIII e início do XIX, tendência reconhecida nos países europeus e, como se vê, também forte no Brasil.

Além dos romances importados havia também os produzidos pela primeira casa impressora instalada no Rio de Janeiro. Apesar de os prelos da Imprensa Régia terem sido ocupados prioritariamente com a impressão de papéis do governo e com a edição de livretos panegíricos e de ocasião, havia espaço para a edição de romances, ainda que timidamente. A mais forte presença dessas narrativas entre os títulos saídos da Imprensa carioca deu-se nos anos de 1815 e 1816, em que se produziram 14 obras dessa natureza. Mas a atividade era pouco sintonizada com a preferência do público – ao menos com aquela expressada por meio das importações. Poucas vezes buscou-se imprimir obras que aqui chegavam com regularidade como se fez quando da edição, pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro, de obras como *Paulo e Virgínia: Historia fundada em factos*, em 1811, ou *O Diabo Coxo, verdades sonhadas e novellas da outra vida*

traduzidas a esta, em 1810. A casa investiu, enquanto isso, em títulos desconhecidos ou pouco comuns no mercado carioca como *A boa mãe* e *As duas desafortunadas*.⁴⁸

Além dos romances, a Imprensa Régia dedicou-se também à publicação de obras ainda mais populares e ainda menos valorizadas como produção estética, tais como os folhetos *Historia da Donzella Theodora* e *História verdadeira da princesa Magalona*⁴⁹ – exemplares da literatura de cordel portuguesa enviados ao Brasil com alguma regularidade. Se os romances eram vistos com maus olhos, como coisa trivial e sem real interesse, é fácil imaginar o que não se pensava sobre esses livrinhos, produzidos a partir de adaptações com vistas a atingir grandes públicos. Sua presença no Rio de Janeiro, junto de romances, de livros didáticos e de livros infantis, talvez seja uma das chaves para a compreensão do tão difundido discurso sobre a falta de leitura no país.

Nos séculos XVIII e XIX, assim como hoje, o problema não parece ser de desinteresse pela leitura, mas, ao contrário, de interesse por um tipo particular de leitura. Enquanto as obras mais valorizadas pela alta tradição eram os clássicos da Antigüidade, assim como escritos mais recentes feitos à sua imitação, liam-se, no Rio de Janeiro, versões escolares de textos latinos adaptados, resumidos e explicados; enquanto se acreditava que a cultura greco-latina continha e expressava a mais alta elaboração artística, liam-se romances modernos e histórias infantis. Que os livros tidos por modelos não sejam os mais lidos não é motivo para espanto, seja no Brasil colonial, seja na velha e culta Europa, de onde saíam os livros aqui lidos com tanto interesse – e que deveriam ser também best sellers no Velho Mundo, considerando-se as sucessivas edições que receberam. O que pode, entretanto, causar alguma espécie é o fato de que no Rio de Janeiro não havia (ou ao menos não havia em número significativo) artesãos, trabalhadores, criados instruídos, pequenos comerciantes, que são os segmentos aos quais se atribui a responsabilidade pela difusão da leitura de romances e outras obras menores. É mais provável que a elite econômica se ocupasse de tal tarefa, já que é difícil ima-

ginar escravos e libertos pobres envolvidos com solicitações de autorização para importação de livros.

Assim, o interesse por publicações “populares” deveria partir de pessoas com recursos para encarregar-se dos trâmites legais para importação – e para pagar por isso – ou para comprá-las em livreiros e mercadores estabelecidos na cidade. Era preciso, portanto, ter algum dinheiro e tempo sobrando para poder se dedicar à leitura – o que coloca o trato com os livros como atividade possível, prioritariamente, para a elite econômica. Examinando a lista dos livros preferidos, percebe-se que situação financeira e inserção cultural não se equivalem, ou seja, os mais ricos não se interessavam apenas por livros produzidos por grandes autores e bem avaliados pela elite intelectual.

Professores, intelectuais e demais autoridades do mundo das letras certamente escandalizavam-se (e escandalizam-se) com as escolhas dos leitores, imaginando, talvez, que ler romances e não ler nada eram atitudes equivalentes (ou que a segunda hipótese era preferível à primeira). O discurso sobre a carência cultural brasileira no período colonial não se sustenta diante dos dados fornecidos pela documentação da época. Considerando-a, é difícil lamentar a ausência de livros, já que ela demonstra que se lia de tudo no Brasil, mas se lia, sobretudo, aquilo que se considerava “baixa literatura”. O que, para alguns, não deixa de ser motivo de lamento.

Notas

1 Este texto, com algumas modificações, faz parte de minha Tese de Livre Docência intitulada *O Caminho dos Livros*, defendida junto ao Departamento de Teoria de Literária do IEL em junho de 2002. Pesquisa realizada com apoio do CNPq.

2 O *corpus* analisado nesse trabalho é constituído por documentação produzida pela Real Mesa Censória, pela Comissão Geral para o Exame e a Censura dos Livros, pelo Santo Ofício e pelo Desembargo do Paço (tanto em Lisboa quanto no Rio de Janeiro). O período considerado inicia-se em 1768 (constituição da Real Mesa Censória, por

ordem do Marquês de Pombal) e estende-se até 1826 (reconhecimento da independência do Brasil por Portugal). As instituições responsáveis pelo controle da circulação de livros e papéis sucedem-se sem que haja, entretanto, modificações significativas na natureza dos documentos submetidos a apreciação. A documentação preservada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Lisboa –, contendo requisições para envio de livros para o Brasil entre 1769 e 1826 (“Catálogo para Exame dos Livros para Saírem do Reino com Destino ao Brasil”), é unificada sob a designação “Real Mesa Censória”. Os pedidos de autorização para entrada de livros nos portos brasileiros, produzidos entre 1808 e 1822, são conservados pelo Arquivo Nacional – Rio de Janeiro – nos fundos Mesa do Desembargo do Paço – Licenças.

Na análise da documentação, concentrei-me apenas nos pedidos de autorização para envio de obras de Belas Letras para a cidade do Rio de Janeiro.

Agradeço a colaboração de Cilza Carla Bignoto na transcrição dos dados e a de Valéria Florenzano em sua tabulação.

3 As requisições de licença para envio de livros para o Rio de Janeiro foram por mim analisadas nos artigos “Leitura de ficção no Brasil Colônia”, revista *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro Editora, 1996, e “O Rei e o sujeito – considerações sobre a leitura no Brasil colonial”, *Brasil e Portugal: 500 anos de enlaces e desenlaces*, revista *Convergência Lusitana* nº 17, Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro, 2000 e na Tese *O Caminho dos Livros*, op. cit.

4 Segundo os “Catálogos: exame dos livros para saída do reino”, destino: Rio de Janeiro, caixas 153 – 154, Real Mesa Censória, Arquivos Nacionais Torre do Tombo, Lisboa (doravante RMC – ANTI). Na composição dessa tabela – e das seguintes – mencionam-se os títulos conforme aparecem nas publicações originais. Nos pedidos de licença as obras são referidas das formas mais variadas.

5 Masseau, Didier. *L'invention de l'intellectuel dans l'Europe du XVIII^e siècle*. Paris: PUF, 1994, p. 46.

6 Watt, Ian. *A Ascensão do Romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 46.

7 Davidson, Cathy N. “The life and times of *Charlotte Temple* – the biography of a book”. In Davidson, Cathy N. (org) *Reading in America*, Londres e Baltimore: The John Hopkins University Press, 1989, p. 159.

- 8 Teixeira, Ivan. *Mecenato Pombalino*, São Paulo: FAPESP/EDUSP, 1999, p. 412.
- 9 A presença de obras gregas é ainda menor – há apenas 31 pedidos.
- 10 Manoel Jozé Pereira de Campos, em pedido feito em 1800. “Catálogos: exame dos livros para saída do reino”, destino: Rio de Janeiro, caixa 153, RMC – ANTT.
- 11 Rodrigues, A Gonçalves. *A Novelística Estrangeira em Versão Portuguesa no Período Pré-Romântico*. Coimbra: s/ed, 1951 e Rodrigues, A. Gonçalves. *A Tradução em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1992, 1º vol.: 1495–1834.
- 12 Milton, J. *Paraíso perdido, poema heróico de...* traduzido em vulgar pelo Padre José Amaro da Silva, presbítero Vimaranense. Com o Paraíso Restaurado, Poema do mesmo Author; Notas Historicar, Mythologicas, &c. de M. Racine; e as Observações de M. Addison sobre o Paraíso Perdido. Lisboa: Na Typographia Rollandiana, 1789. Com licença da Real Meza da Comissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros. P. V.
- 13 Caeiro, Francisco da Gama. *Livros e livreiros franceses em Lisboa nos fins de setecentos e no primeiro quartel do século XIX*, Separata do boletim Bibliográfico da Universidade de Coimbra, vol. 35, 1980. Intervenções no texto feitas por Caeiro.
- 14 1. *Aventuras de Telemaco, filho de Ulysses; traduzido do original francez na lingua portugueza* por José Manuel Ribeiro Pereira. Lisboa, 1765. 2 volumes. *Aventuras finaes de Telemaco, filho de Ulysses, novamente compostas pelo bacharel Joseph Manoel Ribeiro Pereira*. Lisboa, 1765. *Segunda edição correta e emendada pelo mesmo traductor da primeira edição d'estas Aventuras*, tradução José Manuel Ribeiro Pereira, Lisboa, 1784, 2 volumes. Reedição das *Aventuras finaes* em Lisboa, 1785.
2. *Aventuras de Telémaco. Traduzido em verso portugues*. por Joaquim José Caetano Pereira e Sousa, Lisboa, 1768, 2 volumes. Reeditado em Lisboa, 1787, 2 volumes. Nova edição como *Aventuras de Telemaco, traduzidas em verso portuguez, a que se ajuntam algumas notas mythologicas e allegoricas para inteligencia do poema. Dedicadas ao Ser. Principe do Brasil*. Lisboa, 1788, 2 tomos.
3. *O Telémaco*. Traduzido pelo capitão Manoel de Sousa, Lisboa, 1770, 2 volumes. Reeditado como *O Telemaco de mr. Francisco de Salignac de la Motte Fenelon, etc traduzido*. Lisboa, 1776, 2 tomos. Nova reedições em Lisboa, em 1785 e em 1825.
4. *Aventuras de Telemaco, filho de Ulysses... Com hum discurso sobre a Poesia Epica e Excelencia do Poema de Telemaco e notas geograficas e mythologicas*. Sem indicação do tradutor. Lisboa, 1785.

15 A propósito das diversas traduções e edições das *Aventuras de Telemaco*, ver Cristóvão, Fernando Alves. “Presença de Fénelon no espaço literário luso-brasileiro. Subsídios para um estudo”. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1983, pp. 135–150.

16 *Aventuras de Telemaco, filho de Ulysses*, por Francisco Salignac de la Mothe Fenelon, tradução do Capitão Manuel de Sousa, e de Francisco Manuel do Nascimento, retocada e correcta por José da Fonseca. Paris: na Livraria Europea de Baudry, 1842. Agradecimento a Carlos Eduardo Ornellas Berriel pela indicação e empréstimo desse livro. A primeira edição é de 1837.

17 “*Aventuras de Telemaco, filho de Ulysses* por M. Fénelon, traduzidas do francez em portuguez: com um discurso sobre a poesia épica e excellencia do poema Telemaco; e muitas notas geográficas, e mythologicas para intelligencia do mesmo poema: edição executada com caracteres novos e adornada com o retrato do mesmo Fénelon, Lisboa, 1785.” In *Livros impressos por Francisco Rolland, Impressor-Livreiro em Lisboa, no Largo do Loreto*. Encadernado anexo ao *Secretario Portuguez, ou methodo de escrever cartas*, por Francisco Jozé Freire. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1801. “*Aventuras de Telemaco*, traduzidas de Francez, em 8. 3 tomos. Nova edição correcta, e emendada, os dois primeiros tomos vendem se separados”. In *Catalogo dos livros portuguezes, impressos á custa de João Baptista Reycond e Companhia*, mercadores de livros, no largo do Calhariz, na esquina da Bica grande em Lisboa, que se achão de venda na sua loja. Catálogo não datado em circulação em 1784. “*Aventuras de Telemaco*, com Notas, em 8”. In *LIVROS impressos por Francisco Rolland, Impressor-Livreiro em Lisboa*. Encadernado anexo às *Fábulas de Esopo*, Lisboa: Typografia Rollandiana, 1791. “*Aventuras de Telemaco* traduzidas do Francez de M. Fénelon, pelo Capitão Manoel de Sousa, em 8. 2 vol. 1770” - Anunciado à venda, em 1791, no Catálogo da Livraria da Viúva Bertrand.

18 “Catálogos: exame dos livros para saída do reino”, destino: Rio de Janeiro, caixa 153, RMC – ANTT.

19 Segundo os “Catálogos: exame dos livros para saída do reino”, destino: Rio de Janeiro, caixas 154, 155, 156, RMC – ANTT.

20 Mantêm-se entre os preferidos: *Aventuras de Telêmaco*, *Selecta Latina*, *História de Gil Blas*, *História de Carlos Magno*, *Obras de Bocage*, *O Feliz independente*, *Lances da Ventura* e *Obras de Camões*.

21 *Les Aventures de Télémaque* foram lançadas em Paris, em 1699.

22 *Histoire de Gil Blas* teve primeira edição em 1715; as *Obras Completas* de Camões foram publicadas pela primeira vez em 1720.

23 Até 1807, *As Mil e uma noites* tinham sido enviadas apenas 6 vezes. Curiosamente, um dos livros compostos à imitação daquele, *Les Mille et un quart-d'heure. Contes Tartares* (publicado em Paris em 1715 e traduzido para o português com o título *Divertimento de um quarto de hora* pelo. P. João Silverio de Lima em 1782), despertou maior interesse, tendo sido remetido 9 vezes.

24 *O Piolbo Viajante, cujas viagens são divididas em mil e uma carapuças* foi publicado, anonimamente, em folhetos semanais, até que se completassem as 72 *carapuças* de que se compõe. Lançado em 1802, foi enviado ao Rio de Janeiro, pela primeira vez, no ano seguinte, por solicitação de Simão Taddeo Pereira. Em 1821 os folhetos foram reunidos em volumes com autoria atribuída a Antônio Manuel Policarpo da Silva. Edições em volumes: 1821, 1837, 1846 e 1857.

25 Hallewell, Laurence. *O Livro no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1985, p. 23. A história editorial de *Marília de Dirceu* é bastante complexa nesses primeiros anos, incluindo edições apócrifas e divulgação de poemas de autoria incerta. Veja-se a respeito o prefácio preparado por M. Rodrigues Lapa para a edição *Marília de Dirceu e mais poesias*, Tomás Antônio Gonzaga. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1937.

26 Fizeram remessa Viuva Bertram e Filhos e Francisco Rolland (em 1800); Paulo Martins e, novamente, Francisco Rolland e Viuva Bertram e Filhos (1802); Simão Taddeo Pereira (2 vezes em 1803); Paulo Martins e Filhos (1807).

27 *Marília de Dirceu*. Por T.A.G. Nova edição. Rio de Janeiro. Na Impressão Regia. Com licença de S.A.R. 1810. 3 partes.

28 Não tiveram a mesma sorte outros autores nascidos no Brasil. Santa Rita Durão manteve pequena procura, com 4 pedidos para *Caramuru* (3 em 1819 e 1 em 1815). Não se saiu muito melhor Theresa Margarida da Silva e Horta, cujas *Aventuras de Diófanos* passaram de 10 pedidos, no primeiro período, para apenas 4. *O Uruguay*, de José Basílio

da Gama, que não havia sido solicitado anteriormente, embora tenha sido publicado em 1769, foi enviado duas vezes (em 1816 e 1819).

29 Silva, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

30 No século XIX publicavam-se edições contendo o texto de Fénelon em várias línguas. É o caso, por exemplo, do *Essai d'un Télémaque polyglotte, ou les Aventures du Fils d'Ulysse en langue française, grecque moderne, arménienne, italienne, espagnole, portugaise, anglaise, allemande, hollandaise, russe, polonaise, illyrienne, avec une traduction en vers grecs et latins*, de Fleury-Lécluse, Paris, 1812.

31 *Catálogo de livros que se vendem por seus justos preços na loge da Impressão Régia* sita na Praça do Commercio em abril de 1772. Lisboa. Com licença da Real Meza Censoria. A expressão foi grifada por mim.

32 Segundo documentação conservada pela Mesa do Desembargo do Paço – Licenças – caixas 168, 169 (ANRJ).

33 Vinte e três livreiros e negociantes atuaram no transporte de livros entre Portugal e o Rio de Janeiro até 1807. A mesma quantidade (mas não necessariamente os mesmos) envolveu-se com remessas de livros de Portugal para o Rio de Janeiro após a transferência da Família Real. Entre 1808 e 1822, 16 mercadores fizeram 30 liberações junto à Mesa do Desembargo do Paço.

34 As atividades da Mesa do Desembargo do Paço encerram-se em 1821, enquanto a censura lusitana continuou a controlar o envio de livros até 1826.

35 *Thesouro de Meninas...* Composto na língua francesa por Madama Leprince de Beaumont, traduzido na língua portuguesa, e oferecido a Ill.^{ma} e Exc.^{ma} Senhora D. Leonor Ernestina Dhaum, marquiza de Pombal por Joaquim Ignacio de Frias. Nova Edição, Adornada com oito estampas. Rio de Janeiro, Typogrphia de J.J. Barroso e Comp, 1838. Frias foi literal na tradução do título francês: *Magasin d'enfants, ou dialogues d'une sage gouvernante avec ses élèves de la première distinction, dans lesquels ont fait penser, parler, agir, les jeunes gens suivant le génie, le tempérament et les inclinations d'un chacun. On y représente les défauts de leur âge, l'on y montre de quelle manière on peut les corriger, on s'applique autant à leur former le coeur qu'à leur éclairer l'esprit. On y donne un abrégé de l'Histoire Sacrée, de la Fable, de la geogra-*

phie, etc. le tout rempli de réflexions utiles et de Contes Moraux, pour les amuser agréablement, et écrit d'un style simple et proportionné à la tendresse de leurs âmes, cuja 1ª edição é de 1757.

36 “Prologo do Traductor”, op. cit., p. XI.

37 Na mesma época, eram enviados ao Rio de Janeiro: *Thesouro de adultos* (3 pedidos), *Thesouro de adultas* (5 pedidos), *Thesouro dos Prudentes* (1 pedido), *Thesouro da Paciência nas chagas de Jesus Cristo* (8 pedidos). Pelo Desembargo do Paço passaram 5 pedidos para entrada da obra *Morale en action*, traduzida em português como *Thesouro da mocidade portugueza ou a moral em acção. Escolha de factos memoraveis, e anedotas interessantes*.

38 *Thesouro de meninos, resumo de historia natural, para uso da mocidade de ambos os sexos, e instrução das pessoas, que desejão ter noções da Historia dos tres Reinos da Natureza*. Obra elementar, compilada, e ordenada por Pedro Blanchard, Traduzida do Francez, e offerecida á Mocidade Portugueza, por Matheus José da Costa, Beneficiado, e Mestre de Cerimonias da Santa Igreja Patriarcal de Lisboa. 6 Tomos. Lisboa: na Impressão Régia, Anno 1813, p. XVIII. No tomo III, reforça-se o papel do tradutor/adaptador: “Traduzida do Francez, com muitas correções e artigos novos. Offerecida, a sua Alteza o Principe Real do Reino Unido de Portugal, e do Brazil, e Algarves; Duque de Bragança, o Senhor D. Pedro de Alcantara por Matheus José da Costa”.

39 Dias de Souza, Manoel. *Livro para meninos, no qual se propoem hum methodo facil para os ensinar a ler: com huma breve historia da criação do mundo, e outra dos animaes, ambas adornadas com fíguas, etc.*, Coimbra, 1799.

40 Le-Cor, Luis Pedro. *Livro de educação de meninos ou ideas geraes e definição das cousas que devem saber...* traduzido da lingua franceza na portugueza por... Lisboa: na Officina de Joseph da Costa Coimbra, 1746.

41 Villalobos, João Rosado de. *Livro dos meninos, ou idéas geraes, e definições das cousas, que os meninos devem saber*, tradução do francez por... Nova edição. Lisboa: Typ. Rollandiana, 1824.

42 Citados conforme consta das requisições.

43 “Il est un fait que la littérature enfantine, malgré ses particularismes, devient vite la propriété de tous les enfants du monde, du moins du monde de race blanche – mais de nos jours ce phénomème s’étend peu à peu sur tout le globe.” (Bay, André. “La

littérature enfantine” In *Histoire des littératures*, Encyclopédie de la Pléiade, Paris : Gallimard, 1967, tomo III, p. 1608).

44 Sobre a literatura infantil no Brasil, ver: Lajolo, Marisa e Zilberman, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1985, e *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias autores e textos*. São Paulo: Global Editora, 1986.

45 Apud: Laffont-Bompiani, *Dictionnaire des Oeuvres de tous les temps et tous les pays*. Paris: Société d’Édition de Dictionnaires et Encyclopédies, 1962, 4ª edição.

46 A preferência pelo romance foi percebida também por Irving A. Leonard em seu estudo sobre “Obras de ficção favoritas”, em que considera os livros lidos, no século XVI, pelos conquistadores espanhóis e seus descendentes. Assim como no Brasil, os escritos teológicos, morais e religiosos eram os mais transportados para a América, mas, dentre as obras de Belas Letras, “gozava de imensa popularidade o romance em suas múltiplas manifestações: picaresco, pastoril e, obviamente, de aventuras e cavalaria, [...] assim como as histórias de amor de variável extensão” (Leonard, Irving A. *Los libros del Conquistador*, México: Fondo de Cultura Económica, 1996, p. 100. 1ª edição: 1949).

47 Não há estabilidade, no período, na designação de textos em prosa ficcional, chamados de romance, novela, conto, história, aventura etc. Textos em prosa ficcional enviados entre 1769 e 1807: *Les Aventures de Télémaque; Histoire de Gil Blas de Santillane; Le Voyageur François; Caroline de Litchfield; El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha; História do Imperador Carlos Magno; Lances da Ventura; Viagens de Altina; Delli viaggi di Enrico Wanton; O Feliz independente do mundo e da fortuna*. Enviados entre 1808 e 1826: *Les Aventures de Télémaque; Les Mille et Une Nuits; Histoire de Gil Blas; Magazin d’enfants; História do Imperador Carlos Magno; O Feliz independente; Lances da Ventura; Thesouro de Meninos; O Piolho Viajante; Voyage de La Perouse; Voyage du Jeune Anacharsis en Grèce; El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha; Robinson Crusoe; Oeuvres de Lesage; Paul et Virginie; Oeuvres de Prevost; Scènes de la vie du grand monde*.

48 *A boa mãe*. Novella: traduzida do francez. Rio de Janeiro: na Imprensa Regia, 1815. *As duas desafortunadas*. Novella: traduzida do francez. Rio de Janeiro: na Imprensa Regia. 1815. Com licença.

49 *Historia da Donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura, e sabedoria.* Traduzida do Castelhana em Portuguez. Por Carlos Ferreira Lisbonense. Rio de Janeiro: na Impressão Regia. 1815. Com licença. *História verdadeira da princeza Magalona, filha de rei de Napoles, e do nobre, e valeroso cavalleiro Pierres Pedro de Proença, e dos muitos trabalhos, e adversidades que passarão, sendo sempre constantes na fé, e virtudes; e como depois reinarão, e acabarão a sua vida virtuosamente no serviço de Deus.* Rio de Janeiro: na Impressão Regia, 1815.